



SEBASTIÃO RIBEIRO

Diante da estátua e do mausoléu do General Artigas, em Montevidéu, no Uruguai, Grisel e os filhos lutam para sobreviver, pois passaram a fazer parte de um contingente que cresceu no país: os pobres

Por um lugar

ao sol

Encravado entre o Brasil e a Argentina e com população e Produto Interno Bruto (PIB) menores do que os do Rio Grande do Sul, o Uruguai luta para conquistar seu espaço no mapa de investimentos internacionais. Neste domingo e na segunda-feira, Zero Hora mostra um Uruguai que se tornou um país envelhecido e agora tenta se modernizar.

Enviado especial/Montevidéu
SEBASTIÃO RIBEIRO



Um passeio pelos supermercados de Montevidéu identifica um dos principais entraves para o futuro do Uruguai: a falta da industrialização. Nas embalagens, não só de produtos eletrônicos mais sofisticados, mas também de alimentos e até da erva-mate – da qual o uruguaio típico não abre mão –, predominam as inscrições: “indústria brasileira” ou “indústria argentina”. – Essa falta de dinamismo se deve à base excessivamente agrícola da economia uruguaia. Nunca se conseguiu implantar uma indústria forte – testemunha Juan Pla,

uruguaio e professor de economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A agropecuária representa 11,9% da atividade econômica. A indústria, 18,9%, mas grande parte dela apenas processa os produtos primários, como leite e carne. Dos 10 maiores setores exportadores do Uruguai, oito são do agronegócio, sendo que as exportações de carne bovina respondem por 20% de todas as vendas externas do país. O efeito disso é uma taxa de desemprego de 11,6% no ano passado.

Hoje, é difícil atravessar a Praça Independência – onde fica a estátua e o mausoléu do General Artigas, herói uruguaio – sem ser interrompido por algum mendigo. Ao ser questionada, uma pedinte acompanhada de duas crianças, reage.

– Queres conversar sobre quê? Sobre Deus? – pergunta a moça.

– Eu não acredito em Deus. Se Ele existisse, não estaríamos na rua – acrescenta o menino mais velho.

Vale mais a pena pedir dinheiro do que ser faxineira

A mulher é Grisel Peres, 33 anos. O garoto ateu é Brian, 14 anos, filho dela. Com eles, está o irmão menor, Lucas, três anos. Outros dois filhos estão na escola, que frequentam mesmo sem ter um lar. Há quatro dias a família estava na rua. Foram despejados da pensão onde moravam por falta de pagamento.

Grisel mantém uma aparência digna – “ontem, estava frio, mas me banhei na fonte da praça, usei até xampu”, conta, alisando os cabelos. Seu

único objetivo no momento é conseguir R\$ 62 para pagar a dívida com a pensão. Enquanto não consegue, vira-se como pode. Em uma sacola, leva pão, geléia e pizzas – sobras de um café da manhã de um hotel.

– Não tenho como trabalhar tendo quatro filhos para criar. Como faxineira, ganharia 30 pesos (R\$ 2,72) por hora. Não paga a diária da pensão (o equivalente a R\$ 15) e a comida. Na rua, ganho mais – diz.

Quando a produção primária teve papel central na economia mundial, o Uruguai viveu tempos áureos. Na 2ª Guerra Mundial, por exemplo, faturou muito exportando conservas de carne e lã. A indústria têxtil uruguaia era uma das mais fortes do mundo. Mas a ascensão dos sintéticos e a concorrência chinesa fizeram o setor perder força, relata a econo-

mista Gabriela Mordecki, da Universidad de la República.

Em 2002, todo o país sofreu um baque. O corralito – confisco de contas na Argentina – fez com que os argentinos atrasassem seus depósitos do Uruguai. O efeito foi uma quebra no sistema financeiro que afetou toda a população. Somente em 2005, o país se recuperou do prejuízo.

No mesmo ano, elegeu o socialista Tabaré Vázquez como presidente. Da mesma maneira que Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil, Tabaré evitou radicalizações. Conteve gastos públicos e manteve o país aberto a investimentos estrangeiros.

– Hoje, tem muita gente que votou no Tabaré decepcionada. Mas a conjuntura econômica é adversa. Uma das iniciativas para tentar reverter isso são os investimentos das papeleiras – comenta o economista Alfredo Meneghetti, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

As papeleiras são as duas empresas de celulose que estão se instalando no Uruguai. Juntas, a finlandesa Botnia e a espanhola Ence devem investir US\$ 1,8 bilhão – mais de 10% do PIB no país.

A planta da Botnia já começou a operar em fase de testes na localidade de Fray Bentos. A Ence iria para o mesmo local, mas cedeu à pressão dos argentinos, que protestam contra as papeleiras na localidade vizinha, e define um novo lugar para investir.